

# Taxas impostas pelos EUA afetam produção nacional

PÁG. 20



**O setor agroalimentar acabou por ser o mais prejudicado num litígio que envolve benefícios a produtoras aeronáuticas. EUA agravaram tarifas a centenas de alimentos e bebidas**

# Novas taxas impostas pelos EUA afetam produção nacional

O setor agroalimentar acabou por ser o mais prejudicado num litígio que envolve benefícios, conferidos pelos Estados Unidos e pela União Europeia, a produtoras aeronáuticas. Os EUA agravaram as taxas aduaneiras de centenas de alimentos e bebidas produzidas pelos estados-membros. Qual o impacto para Portugal?

Ana Catarina Monteiro

mailto: amonteiro@hipersuper.pt

photo: DR

A administração de Donald Trump apresentou, numa lista de oito páginas, os produtos comprados à União Europeia, cujas taxas aduaneiras foram agravadas, em 25% e 10%. São centenas de produtos afetados, representando um total de 7,5 mil milhões de dólares em vendas para os EUA. A medida de retaliação, que afeta sobretudo o setor agroalimentar, está em vigor desde o passado dia 18 de outubro.

A ação tomada pelos Estados Unidos surge à margem de uma disputa que dura há mais de uma década, relacionada com ajudas, concedidas por Bruxelas e Estados Unidos, às empresas Airbus e Boeing, respetivamente. Após a Organização Mundial do Comércio (OMC) ter reconhecido que a UE atribuiu subsídios “ilegais” à francesa Airbus, autorizando a imposição de contramedidas, o governo norte-americano anunciou a lista que inclui produtos alimentares e bebidas, taxados em 25%, e aeronaves, às quais é aplicada uma taxa de 10%.

“Durante anos, a Europa tem vindo a fornecer altos subsídios à Airbus que prejudicam seriamente a indústria aeroespacial norte-americana e seus trabalhadores”, justificou o repre-



Donald Trump,  
Presidente dos Estados Unidos da América

sentante do Departamento de Comércio do Governo norte-americano, Robert Lighthizer, em declarações oficiais.

Na resolução do litígio, a OMC permitia que os Estados Unidos aumentassem as taxas até 100%, desde que não ultrapassassem os 7,5 mil

milhões de dólares (cerca de 7 milhões de euros).

A resposta imediata de Washington pode vir a agravar ainda mais as relações comerciais entre as duas partes, já que Bruxelas mostra-se disponível para uma retaliação, caso a administração americana rejeite o diálogo

para chegar a um acordo que dilua os efeitos negativos desta medida.

## SETORES MAIS AFETADOS EM PORTUGAL

Não obstante o conflito em torno das produtoras aeronáuticas, o setor de alimentação e bebidas acabou por ser o mais prejudicado no desfe-

cho deste processo, já que as vendas de produtos como carne, iogurte, vinhos, bebidas espirituosas ou fruta são das mais afetadas. As taxas podem ainda sofrer alterações.

Para já, Portugal não escapa à subida das taxas. O secretário-geral da Federação das Indústrias Portuguesas Agroalimentares (FIPA), Pedro Queiroz, considera que os setores portugueses mais afetados são os de “lácteos, hortofrutícolas transformados e confeitaria”.

De acordo com a informação disponibilizada pelo Departamento de Comércio norte-americano, “as variedades de queijos representam mais de metade dos produtos portugueses afetados” pelas novas tarifas. “E dentro dos queijos, especial destaque para os dos Açores. O queijo das ilhas é um dos laticínios com mais saída para o mercado norte-americano”, comenta, por sua vez, Sara Soares, advogada associada da Abreu Advogados, especializada em direito fiscal para empresas.

As previsões da ANIL (Associação Nacional dos Industriais de Lacticínios) apontam para que este ano as vendas de queijos portugueses para os Estados Unidos cifrem-se em três milhões de euros.

#### **EUA SÃO QUINTO MAIOR DESTINO DE EXPORTAÇÃO**

“Esta preocupante decisão vai criar novos entraves no acesso dos produtos alimentares nacionais ao mercado dos EUA”, afirma o secretário-geral da FIPA, em declarações ao Hipersuper. “Existe uma séria apreensão com os danos colaterais que a contenda sobre os subsídios atribuídos à Airbus, considerados ilegais pela OMC, possa vir a ter na transação de bens alimentares, podendo este setor vir a pagar uma elevada fatura por um conflito que nada tem a ver com a sua atividade”, acrescenta.

Os Estados Unidos são o quinto maior destino de exportação para Portugal, absorvendo este ano um total de 105 milhões de euros das vendas para o exterior, realizadas até final de julho, segundo dados da AICEP. Entre os países de fora da União Europeia, os EUA são o segundo maior país de exportação. O Brasil ocupa o primeiro lugar, tendo comprado o equivalente a 412.382 milhares de euros em produtos nacionais, durante 2018.

Para Pedro Queiroz, “os impactos

**“Esta preocupante decisão vai criar novos entraves no acesso dos produtos alimentares nacionais ao mercado dos EUA. Existe uma séria apreensão com os danos colaterais que a contenda sobre os subsídios atribuídos à Airbus, considerados ilegais pela OMC, possa vir a ter na transação de bens alimentares, podendo este setor vir a pagar uma elevada fatura por um conflito que nada tem a ver com a sua atividade”**

vão muito além de uma possível quebra das exportações por parte da indústria, tendo implicações em toda a cadeia de valor, desde a produção agrícola aos consumidores”. A FIPA apela assim para que “sejam desenvolvidos todos os esforços diplomáticos para preservar uma já longa relação comercial transatlântica”.

Apesar de a União Europeia estar a trabalhar para chegar a acordo com os Estados Unidos, no sentido de diluir os efeitos da medida, o responsável considera “pouco previsível” um entendimento entre as duas partes. “Há um braço de ferro político que pode ser resolvido a curto prazo, mas que também pode estar para durar”, explica.

#### **PREJUÍZO DE 2 MILHÕES DE EUROS ANUAIS**

Para Sara Soares, a medida imposta pelos Estados Unidos foi aplicada de forma “cirúrgica” e o seu impacto nas exportações portuguesas será “residual”. No entanto, é preciso olhar a big picture.

“Os países mais afetados pelas taxas alfandegárias são precisamente aqueles que mais beneficiaram com estes subsídios dados à Airbus. Estamos a falar de Espanha, França, Alemanha e Reino Unido. Países nos quais, precisamente, a companhia

francesa tem fornecedores”, explica. Segundo uma estimativa da PortugalFoods, citada pela responsável, as novas taxas terão um impacto anual de “dois milhões de euros” para os produtos agroalimentares portugueses. O que traduz uma possível queda de “entre 10 a 15%” das exportações para os Estados Unidos.

No entanto, “se olharmos apenas para o peso dos bens afetados pelo aumento das taxas no total das exportações de Portugal, para os Estados Unidos, sendo este um dos mais importantes parceiros económicos do país, podemos dizer que o impacto é residual. Incide sob uma pequena parte do total das exportações para aquele país, de acordo com os números conhecidos”.

A lista de bens afetados pelo aumento das taxas, apesar de abranger produtos como moluscos, queijos ou frutas, deixam de fora bens de grande importância para a economia nacional, como o vinho ou o azeite. Mas, apesar de o impacto direto não ser significativo, a medida pode tornar-se mais gravosa, em termos de impacto indireto, ao prejudicar outros países que são também importantes parceiros económicos de Portugal, como Alemanha, França, Espanha ou Itália.

“Para Espanha, por exemplo, a esti-

mativa é de mil milhões de euros, de prejuízo para a economia. Os Estados Unidos são o mercado mais importante, dos destinos de fora da União Europeia, para as exportações do setor agrícola espanhol. Em Itália, aponta-se para um impacto de 500 milhões de euros anuais”.

A advogada prevê, neste sentido, um abrandamento das exportações agroalimentares, depois de estas terem ultrapassado, em 2018, pela primeira vez, a fasquia dos cinco mil milhões de euros.

A responsável admite que as empresas possam “reduzir os preços”, numa tentativa de fazer face à prevista queda das exportações, mas neste caso os produtos portugueses sairiam também a perder, ao diminuir a margem de lucro. Outras das estratégias podem passar pela aposta em outros mercados, como China ou Angola.

“Os Estados Unidos eram já um mercado difícil. Agora, ainda mais. As empresas têm de olhar para outras oportunidades de crescimento. A China, por exemplo, assiste a uma crise súfina sem precedentes, que está a chegar a outros países próximos. Esta é uma oportunidade para a indústria de carne”, destaca a responsável.

A FIPA não tem, para já, conhecimento de cancelamentos de encomendas, nem de alterações de estratégia, por parte dos produtores portugueses, no sentido de fazer face às novas taxas aplicadas.

No litígio que persiste há mais de uma década, a UE tem-se defendido com o argumento de que, assim como procedeu com a francesa Airbus, também os Estados Unidos concederam benefícios fiscais à americana Boeing. O caso está também a ser julgado pela OMC e o seu desfecho deve ser conhecido em janeiro do próximo ano.

Nos EUA, a associação Specialty Food Association já veio dizer que as novas taxas podem gerar uma queda das vendas de 14.000 retalhistas especializados no canal alimentar e outros 20.000 distribuidores. Numa altura em que se aproxima uma época festiva, de elevado consumo, a associação alerta para o aumento dos preços aos consumidores em produtos que tipicamente enchem os carrinhos de compras nesta altura do ano, como queijos e charcutaria. O impacto pode ser “dramático”, alerta a associação. **H**